

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
CURSO DE TRADUÇÃO

ESTANISLAU CORREIA ALMEIDA JUNIOR



**COMPARANDO TRADUÇÕES DE *THE CALL OF THE WILD* À LUZ DOS
PROCEDIMENTOS TÉCNICOS DE TRADUÇÃO**

Uberlândia/MG

2023

ESTANISLAU CORREIA ALMEIDA JUNIOR



**COMPARANDO TRADUÇÕES DE *THE CALL OF THE WILD* À LUZ DOS
PROCEDIMENTOS TÉCNICOS DE TRADUÇÃO**

Monografia apresentada ao Curso de Tradução do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Bacharel em Tradução.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Paula Godoi Arbex.

Uberlândia/MG

2023

ESTANISLAU CORREIA ALMEIDA JUNIOR

**COMPARANDO TRADUÇÕES DE *THE CALL OF THE WILD* À LUZ DOS
PROCEDIMENTOS TÉCNICOS DE TRADUÇÃO**

Monografia apresentada ao Curso de Tradução do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Bacharel em Tradução.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Paula Godoi Arbex.

Banca de Avaliação:

Prof^a. Dr^a. Paula Godoi Arbex – UFU

Orientadora

Prof.^a Dra.^a Francine de Assis Silveira – UFU

Membro

Prof. Dr. Sérgio Marra de Aguiar – UFU

Membro

Agradecimentos

Aos professores do curso, pela generosidade e paciência. Em especial, à orientadora deste trabalho, Prof.^a Paula, pelos ensinamentos e pelo incentivo, sem os quais a conclusão deste estudo jamais seria possível.

RESUMO

O propósito deste trabalho é cotejar duas traduções do inglês para o português brasileiro de trechos selecionados do primeiro capítulo de *The Call of the Wild*, de Jack London, à luz dos procedimentos técnicos de tradução formulados por Heloísa Gonçalves Barbosa. Para tanto, o presente trabalho tece considerações acerca da obra selecionada e dos desafios inerentes ao ofício tradutório-literário. Em seguida o estudo se debruça sobre a análise de duas traduções, empreendidas em um considerável lapso de tempo entre uma e outra: a tradicional versão de Monteiro Lobato (realizada na década de 1930) e a recente tradução de Maria Carmelita Dias (2022). Ao final, foi constatado que houve divergência no padrão tradutório entre as versões analisadas em virtude da maior ocorrência e da influência de determinados procedimentos tradutórios.

Palavras-chave: Tradução Literária; Procedimentos Técnicos de Tradução; Jack London; Monteiro Lobato.

ABSTRACT

The purpose of this work is to compare two translations from English into Brazilian Portuguese of selected excerpts from the first chapter of Jack London's "The Call of the Wild", in the light of the technical translation procedures formulated by Heloísa Gonçalves Barbosa. To this end, this paper discusses the selected work and the challenges inherent in the literary-translation craft. The study then looks at two translations, undertaken within a considerable period of time: Monteiro Lobato's traditional version (made in the 1930s) and the recent translation by Maria Carmelita Dias (2022). In the end, it was found that there was a divergence in the translation pattern between the analyzed versions due to the greater occurrence and influence of certain translation procedures.

Keywords: Literary Translation; Technical Translation Procedures; Jack London; Monteiro Lobato.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

TO Texto Original

T1 Tradução de Monteiro Lobato

PTT Procedimentos Técnicos de Tradução

PTT/T1 Procedimentos Técnicos de Tradução em T1

T2 Tradução de Maria Carmelita Dias

PTT/T2 Procedimentos Técnicos de Tradução em T2

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Diversidade de títulos editados no Brasil para o livro <i>The Call of the Wild</i>	14
Gráfico 1 – Panorama dos Procedimentos Técnicos de Tradução (PTT).....	18
Gráfico 2 – Distribuição dos PTT em T1 de acordo com a ocorrência detectada.....	35
Gráfico 3 – Distribuição dos PTT em T1 de acordo com a ocorrência detectada.....	38
Quadro 2 – Diferenças detectadas entre os padrões tradutórios de T1 e T2.....	40

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 Algumas considerações sobre a tradução literária	10
1.2 A obra analisada	12
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLOGIA	15
2.1 Os Procedimentos Técnicos de Tradução	15
2.2 Metodologia	19
3 OS PROCEDIMENTOS TÉCNICOS NAS TRADUÇÕES DE <i>THE CALL OF THE WILD</i>	21
3.1 O corpus de pesquisa	21
3.2 Análise dos dados e identificação dos PTT	22
3.2.1 Exemplo 1	22
3.2.2 Exemplo 2.....	23
3.2.3 Exemplo 3.....	24
3.2.4 Exemplo 4.....	25
3.2.5 Exemplo 5.....	26
3.2.6 Exemplo 6.....	27
3.2.7 Exemplo 7.....	29
3.2.8 Exemplo 8.....	30
3.2.9 Exemplo 9.....	31
3.2.10 Exemplo 10.....	32
4 CONCLUSÃO	34
REFERÊNCIAS	41

1. INTRODUÇÃO

Os procedimentos técnicos da tradução (PTT) são estratégias adotadas pelo tradutor na resolução de problemas detectados ao longo do processo tradutório. São técnicas que visam responder à questão do “como traduzir”. Heloísa Gonçalves Barbosa, em sua basilar obra *Procedimentos Técnicos de Tradução: Uma Nova Proposta* (2007) elabora uma recategorização acerca da temática, elencando treze procedimentos, quais sejam, a tradução palavra-por-palavra, a tradução literal, a transposição, a modulação, a equivalência, a omissão vs. a explicitação, a compensação, a reconstrução de períodos, as melhorias, a transferência (que abrange o estrangeirismo, a transliteração, a aclimatação e a explicação), a explicação, o decalque e a adaptação.

No intuito de verificar a ocorrência e a frequência de tais procedimentos num dado corpus, o presente trabalho buscará analisar duas traduções do inglês para o português brasileiro da obra *The Call of the Wild*, de Jack London (1903). As opções escolhidas são temporalmente distantes entre si: uma versão clássica de Monteiro Lobato (da década de 1930) e a recente versão de Maria Carmelita Dias (2022). O objetivo principal é realizar um levantamento dos PTT utilizados pelos tradutores citados tendo como corpus de análise o primeiro capítulo da obra norte-americana, à luz da formulação desenvolvida por Barbosa sobre o assunto.

Em virtude da multiplicidade de traduções encontradas para a referida obra (mais de uma dezena, em levantamento preliminar) e do significativo lapso temporal que as aparta, presume-se que as estratégias tradutórias sejam bastante diferentes, considerando que, a título de exemplo, enquanto um tradutor pode ter utilizado uma gramática mais normativa e tradicional, outro pode ter feito uso do português brasileiro mais coloquial.

Este trabalho está dividido em quatro capítulos. Neste introdutório, são tecidas considerações acerca do ofício tradutório, com foco na tradução literária. Em seguida, abordamos mais detidamente a obra analisada, que se caracteriza como uma novela narrada em estilo ágil e direto por Jack London (1876-1916) e que oportuniza uma reflexão acerca do contato entre homens de natureza rústica com animais de instinto ainda mais rudimentar e primitivo. O tema principal do livro é o chamado libertador da natureza e as consequências dessa força indomável, além de abordar tópicos como liderança, brutalidade da natureza e o conceito de

sobrevivência do mais apto.

O segundo capítulo se debruça sobre a fundamentação teórica e a metodologia. São descritos sinteticamente cada um dos treze procedimentos técnicos categorizados por Barbosa (2007) a fim de auxiliar os tradutores em seu ofício tradutório, tendo em mira os problemas e as dificuldades específicas desse tipo de encargo. É também descrito o processo de coleta e análise dos dados selecionados, sempre à luz da proposta de Barbosa e de outros estudos monográficos, também citados na seção.

No terceiro capítulo, é apresentada a análise dos trechos retirados das traduções de *The Call of the Wild*, totalizando 10 (dez) pares de exemplos, com a correspondente indicação dos procedimentos tradutórios detectados em cada caso.

No quarto capítulo, são apresentadas as conclusões do estudo, de modo a apresentar as principais divergências entre as estratégias de tradução de cada intérprete.

A presente pesquisa está vinculada, dentre as áreas de pesquisa em tradução, aos campos da análise de texto e tradução e do processo de tradução, de acordo com a proposta de Williams & Chesterman (2002). Ela almeja contribuir para os estudos de tradução, tanto para tradutores em formação quanto para profissionais da área.

1.1. Algumas considerações sobre a tradução literária

A tradução interlingual literária desempenha um papel fundamental na disseminação e na preservação da riqueza da literatura de diferentes culturas ao redor do mundo. Ela permite que obras-primas da arte escrita sejam acessíveis a um público global, transcendendo as fronteiras linguísticas.

Não há dúvidas de que a literatura é uma das formas mais comuns de expressão artística e cultural da humanidade. Ela possibilita ao ser humano tomar contato com mundos imaginários, compreender diferentes perspectivas existenciais e ainda conecta os povos com a riqueza da diversidade linguística e cultural. No entanto, grande parte da literatura mundial é redigida em idiomas não compreendidos por grande parte das pessoas, o que justifica a necessidade basilarda da tradução literária.

Os tradutores literários são artistas da palavra que assumem o desafio de transmitir não apenas o significado das palavras, mas também toda a essência extratextual de uma obra originalmente escrita em idioma diverso. Eles desempenham um papel decisivo na preservação da autenticidade e da voz do autor enquanto adaptam a obra para um novo público. Cada tradução literária é uma interpretação única que combina habilidades linguísticas e extra-linguísticas.

Ao tratar dos desafios inerentes a esta modalidade tradutória, Paulo Henriques Britto pontua que

[...] Dados dois idiomas, há determinados efeitos literários que são possíveis num deles, mas que simplesmente não podem ser reproduzidos no outro. O tradutor precisa ter consciência de que estritamente falando, nem tudo é traduzível; em certas circunstâncias, o máximo que ele pode conseguir é uma solução muito insatisfatória. E no entanto, mesmo em casos de intraduzibilidade estrita, às vezes um tradutor hábil consegue se sair muito melhor do que era de esperar (2012, p. 117).

Neste sentido, a atividade de recriar/verter/transpor obras literárias de um idioma para outro é altamente complexa e quase nunca se resume à mera “substituição” dos vocábulos entre os idiomas com o auxílio de um dicionário bilíngue. A diferença das línguas tem início na própria estrutura do idioma, nos níveis gramatical e lexical, ou seja, “na maneira de combinar as palavras e no nível do repertório de ‘coisas’ reconhecidas como tais em cada cultura” (Britto, 2012, p. 14). Um idioma integra uma macroestrutura cultural, e as “coisas” reconhecidas por uma cultura não são as mesmas que outras culturas conhecem.

Ao elencar os “requisitos” inerentes a um bom tradutor literário, Paulo Rónai enumera os seguintes atributos em seu seminal “A Tradução Viva”:

O conhecimento ótimo do próprio idioma, a posse pelo menos razoável do idioma-fonte e uma boa dose de bom-senso são apenas as três primeiras condições. Deve o bom tradutor literário possuir uma cultura geral que lhe possibilite identificar os lugares-comuns da civilização, sem o que estes se transformam em outras tantas armadilhas. Uma curiosidade inteligente, uma desconfiança sempre alerta são condições indispensáveis. [...] Tentará familiarizar-se, igualmente, na medida do possível, com os costumes, a história, a geografia, o folclore, as instituições do país de cuja língua traduz, além de se munir da indispensável cultura geral (2012, p. 35-36).

Neste sentido, conclui o autor húngaro, uma tradução empreendida por um “bom tradutor” é um exercício intelectual que nos permite, de forma eficaz, “penetrar na intimidade dum grande espírito”, obrigando o profissional que se lança na empreitada a esquadrihar de forma atenta o sentido de cada sintagma, investigando a função de cada vocábulo, a fim de reconstituir a paisagem mental do autor e tentar descortinar-lhe as intenções mais recônditas.

Em resumo, a tradução literária desempenha um papel crucial no intercâmbio de ideias e no enriquecimento cultural. Ela permite que autores de diferentes origens compartilhem suas histórias, perspectivas e reflexões com um público mais amplo. Isso contribui para a compreensão mútua entre culturas, promove a empatia e abre espaço para diálogos interculturais essenciais.

1.2 A obra analisada

A obra *The Call of the Wild* é um romance clássico do escritor norte-americano Jack London, publicado pela primeira vez em 1903, e tornando-se desde então um de seus trabalhos mais famosos. A história se passa no território canadense de Yukon durante a “Corrida do Ouro do Rio Klondike” no final do século XIX, uma região selvagem e inóspita do noroeste daquele país, na fronteira com o estado norte-americano do Alaska.

Nos anos finais da década de 1890, uma quantidade considerável de pepitas de ouro foi encontrada naquela região. Na sequência, hordas de norte-americanos rumaram às porções setentrionais do continente em busca de enriquecimento pessoal. Para sobreviver em meio à frialdade climática, eram necessários, além de provisões significativas, cães fortes que puxassem os trenós indispensáveis ao deslocamento de mercadorias.

O romance acompanha a trajetória de Buck, um cachorro domesticado que é sequestrado de sua ensolarada casa na Califórnia e então vendido a receptadores que o adestram para transformá-lo em um cão adaptado à tração de trenós na neve. Passando pelas mãos de donos rudes e cruéis, o protagonista (mestiço de São-Bernardo e pastor-escocês) precisa aprender a lutar pela vida.

À medida que Buck se adapta às condições severas do Norte, aos porretes dos homens e aos dentes afiados de seus congêneres caninos, o cão redescobre seus instintos primitivos e passa por uma metamorfose, deixando de ser um animal de estimação acomodado para se tornar uma criatura feroz e independente, reconectando-se com seus antepassados. Essa transformação é o núcleo dos principais temas do romance.

London descreve habilmente o mundo natural como sendo um espaço belo e impiedoso, e usa as vivências de Buck como mote para explorar os instintos primordiais e animais dos cães, bem como o chamado da natureza que viceja em todos os seres vivos. A história oferece uma sequência de aventuras, permeada por reflexões sobre a relação entre humanos e natureza, e sobre a influência dos instintos primitivos que dormitam em nós.

O autor consegue descrever a paisagem nítida e inóspita de maneira vívida e empolgante, concedendo aos leitores uma maior conexão com a jornada emocional de Buck. O uso de imagens e simbolismo agrega profundidade à narrativa, oportunizando-nos um maior envolvimento no conflito de Buck entre natureza e civilização.

Em resumo, *The Call of the Wild* é um conto atemporal de sobrevivência, lealdade, transformação e que faz refletir sobre os instintos primitivos que cada um de nós temos, em certa medida. É uma fábula moderna sobre a relação do homem com o mundo selvagem.

O livro foi adaptado diversas vezes para o cinema, sendo a versão fílmica de 1935 a mais “clássica”, apresentando Clark Gable no papel do bondoso Jack Thornton. Este filme recebeu o título “O Grito da Selva” no Brasil. Já a versão cinematográfica mais recente estreou em 2020, com Harrison Ford no mesmo papel principal do filme, que então foi vertido por “O Chamado da Floresta”.

Ademais, a atualidade do livro é duradoura e manifesta, pois se trata de uma novela fabular envolvendo o conflito entre o mundo natural e a civilização humana, bem como uma história que versa sobre o impacto da natureza nos seres vivos e discute a busca algo telúrica pelo primitivismo e pela ancestralidade latentes.

O vínculo entre humanos e animais também é habilmente explorado, já que pelo caminho de Buck cruzam pessoas de todo tipo: Charles, Mercedes e Hal seriam a corporificação da ignorância e da vaidade, enquanto John Thornton, Hans

e Pete representariam arquetipicamente a lealdade, a pureza e o amor. A história também aborda a ideia de liberdade e o desejo de independência, tanto do protagonista quanto dos demais personagens.

Assim, o presente trabalho procura justificar a obra escolhida por sua relevância literária e acadêmica. Especificamente no que concerne à sua tradução, pode-se tomar como ponto de partida a miríade de possibilidades detectáveis na tradução do título. Em língua portuguesa, o título do livro recebeu traduções diversas, sendo as principais delas, acompanhadas do tradutor e da editora correspondentes, colacionadas na tabela abaixo:

Quadro 1 – Diversidade de títulos editados no Brasil para o livro *The Call of the Wild*

Título traduzido	Tradutor	Editora
<i>O Grito da Selva</i>	Monteiro Lobato	Companhia Editora Nacional
<i>O Chamado Selvagem</i>	Fábio Meneses Santos	Principis
	Maria Carmelita Dias	Arqueiro
	Clarice Lispector	Rocco
	Luiz Antônio Aguiar	Melhoramentos
	Sylvio Monteiro	Abril Cultural
	José Luiz Perota	Dracaena
	Roberto Amado	Hedra
<i>O Apelo da Selva</i>	Rui Guedes da Silva	Círculo do Livro
<i>O Chamado da Floresta</i>	Luiza Helena Martins Correia	Ática
<i>O Chamado da Selva</i>	Rodrigo Espinosa Cabral	Rideel
	Flávia Maria Baião Fusaro	Abril

Fonte: Dados da pesquisa.

Neste sentido, a diversidade tradutória envolvendo o título do livro e a significativa quantidade de traduções ao longo de um período de tempo elástico (quase um século entre o trabalho de Lobato e as mais recentes versões) parecem ser indicativos de que o livro pode ser um campo fértil para a análise dos procedimentos técnicos de tradução.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLOGIA

2.1. Os procedimentos técnicos de tradução

Os procedimentos técnicos da tradução propostos por Barbosa têm como escopo precípua responder à pergunta “como traduzir?” (2007, p. 69) e escoram-se na análise dos modelos elaborados por vários teóricos da tradução, tais como o modelo de Vinay e Darbelnet; o modelo de equivalência de Nida; os quatro modelos de Catford, o modelo de Vasquez-Ayora e o modelo de Newmark.

Os primeiros teóricos a categorizar os procedimentos técnicos da tradução foram Vinay e Darbelnet, com base na linguística de Saussure. Esses teóricos dividem a tradução em dois grupos principais: a tradução direta ou palavra-por-palavra (da qual fariam parte as técnicas de empréstimo, decalque e a tradução literal) e a tradução oblíqua, não literal (à qual vinculam-se a transposição, a modulação, a equivalência e a adaptação) (Barbosa, 2007, p. 23).

O modelo de Nida, por sua vez, centra-se no conceito de equivalência na tradução: haveria uma equivalência formal e uma equivalência dinâmica, sem contudo enumerar procedimentos técnicos de forma categorizada como no modelo anterior. Catford elabora quatro modelos, sustentando que a tradução seria a tarefa de “substituição de um material textual numa língua por um material textual equivalente noutra língua” (Catford, 1980, p. 22 *apud* Barbosa, 2007, p. 17).

O modelo de tradução oblíqua e tradução literal proposto por Vázquez-Ayora se assemelha ao de Vinay e Darbelnet, mas difere quando trata a tradução literal como um único procedimento. Finalmente Newmark, ao propor o modelo de tradução comunicativa e tradução semântica, fundamenta-se na revisão da teoria da linguística, bem como na literatura sobre a tradução (Barbosa, 2007, p. 26). Sua análise foca no princípio do efeito equivalente, que, segundo explica Barbosa (2007), “mantém o foco sobre o leitor que é privilegiado no ato comunicativo que se estabelece através da tradução.”

Barbosa, ao propor sua classificação própria, propugna:

Considero, em minha proposta, um total de treze procedimentos, a saber: a tradução palavra-por-palavra, a tradução literal, a transposição, a modulação, a equivalência, a omissão vs. explicitação, a compensação, a reconstrução de períodos, as melhorias, a transferência – que engloba o estrangeirismo, a transliteração, a aclimatação e a transferência com explicação – a explicação, o decalque e a adaptação (2007, p. 64).

A proposta da autora acerca dos aludidos procedimentos é, então, minudada, conforme se apresenta a seguir:

A **tradução palavra-por-palavra** consiste em traduzir “mantendo a mesma ordem sintática, bem como utilizando vocábulos cujo semanticismo seja idêntico ao dos vocábulos do texto de partida” (Aubert, 1987, p. 15 *apud* Barbosa, 2007). Ela corresponde à própria expectativa que a maior parte do público leigo acalenta em relação à tradução. No entanto, seu uso seria muito restrito em virtude da dificuldade de estabelecer uma convergência muito grande entre línguas diversas.

Já a **tradução literal** corresponde ao procedimento adotado quando é possível manter uma fidelidade semântica estrita com adequações à morfossintaxe e às normas gramaticais de língua de chegada. Esse tipo de proceder é mais usual na tradução de documentos e em edições bilíngues, que reverenciam a comparação textual. Ela se diferencia, assim, da tradução palavra por palavra ao permitir alterações morfossintáticas significativas no texto de chegada.

A **transposição** é o procedimento técnico mediante o qual o tradutor altera a categoria gramatical de elementos que constituem o segmento a traduzir (2007, p. 72), isto é, ocorre a modificação de categorias gramaticais. Ela pode ser obrigatória (quando imprescindível para que a tradução se atenha às normas da língua de chegada) ou facultativa (por questões estilísticas, como quando se almeja restringir a repetição das terminações adverbiais com o sufixo “-mente”, por exemplo).

A **modulação**, por sua vez, “consiste em reproduzir a mensagem do texto original na língua de chegada, mas sob um ponto de vista diverso, o que reflete uma diferença no modo como as línguas interpretam a experiência do real (2007, p. 73). Também aqui haveria casos de modulação obrigatória (como quando já haveria termos dicionarizados, por exemplo) e facultativa (por razões de estilo).

A **equivalência** é o procedimento tradutório que consiste em substituir um segmento de texto da línguade origem por outro segmento na língua da tradução

que não traduz literalmente, mas que lhe é funcionalmente equivalente (2007, p. 74). Essa substituição costuma ocorrer, segundo a autora, quando é necessário traduzir expressões idiomáticas, provérbios, ditos populares, clichês, dentre outras expressões cristalizadas.

A **omissão** ocorre quando elementos do texto-fonte são omitidos na tradução, seja por serem desnecessários ou exageradamente repetitivos. Este procedimento se complementa à **explicitação**. Ambos seriam utilizados, por exemplo, na questão tradutória dos pronomes pessoais que em português podem ser detectados pelas desinências verbais e, portanto, costumam ser omitidos.

A **compensação** consiste no deslocamento de um recurso estilístico, isto é, quando não é possível traduzir no mesmo ponto do texto de chegada um recurso estilístico usado no texto original (2007, p. 75). O tradutor utilizaria, assim, um outro recurso, de efeito equivalente, em outro ponto de texto. A autora cita como exemplo a problemática da tradução dos trocadilhos: quando não podem ser efetuados com um mesmo conjunto vocabular, podem ser elaborados em outro ponto do texto, para equilibrar o texto estilisticamente.

Já a **reconstrução de períodos** diz respeito à redivisão ou ao reagrupamento de períodos e orações do texto original na língua de chegada. Barbosa menciona o fato de que o inglês tende a utilizar períodos mais curtos, enquanto que o português prefere orações mais complexas (2007, p. 77)

As **melhorias** ocorrem quando o tradutor tem ciência dos erros no texto da língua de partida e não os repete na tradução. Assim, também é dever implícito do tradutor proceder à eliminação de eventuais equívocos manifestos (de ordem gramatical, ortográfica, tipológica) a fim de que o produto tradutório não seja acometido dos vícios que porventura inquinam o original.

A **transferência**, segundo Barbosa (2007, p. 78), consiste em introduzir material textual da língua-fonte no texto traduzido. Ela assume quatro subtipos: o estrangeirismo, o estrangeirismo transliterado (transliteração), o estrangeirismo aclimatado (aclimatação) e o estrangeirismo acompanhado de uma explicação de seu significado, que pode ser uma nota de rodapé ou estar diluído no texto.

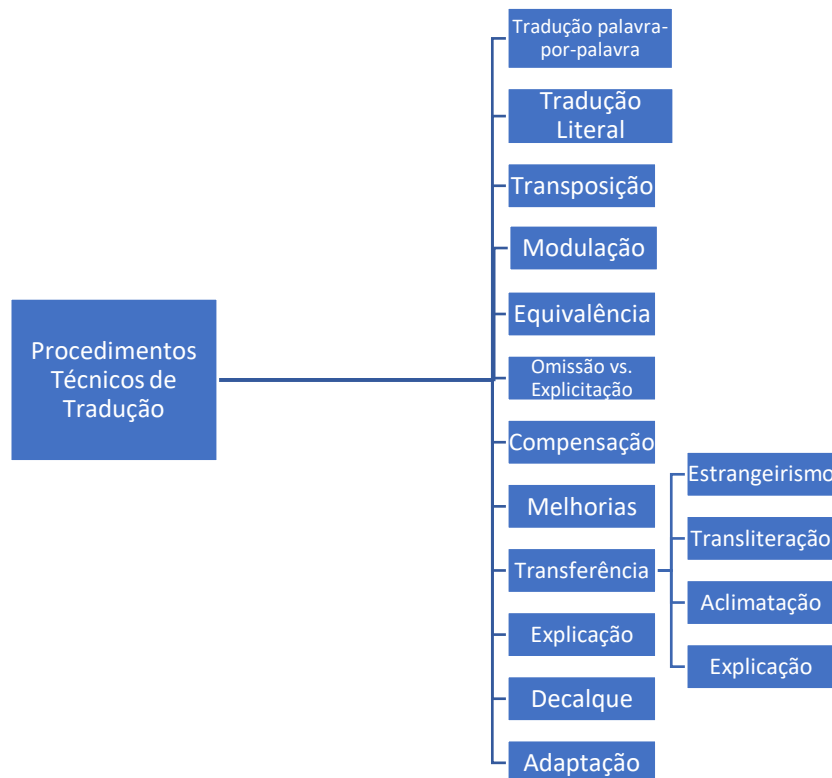
A **explicação** é o procedimento utilizado quando se deseja eliminar os estrangeirismos do texto de chegada. Ela visa facilitar a compreensão imediata de uma situação culturalmente estranha à realidade da língua-alvo.

O **decalque** consiste na tradução literal de sintagmas ou tipos frasais da língua de partida. Seria o procedimento adequado no empréstimo de tipos frasais e na tradução de nomes de instituições, por exemplo.

A **adaptação** ocuparia o limite da tradução, sendo aplicável a casos em que a se recria determinada situação por meio de estruturas equivalentes na realidade extralinguística da língua de chegada. Isso pode ocorrer, exemplificativamente, na tradução de nomes dos personagens e de situações típicas do país de origem, como horários de refeições, tipos de alimentos, esportes praticados, que poderiam ser adaptados a outros mais comuns no país da língua de chegada.

Em síntese, temos o seguinte esquema panorâmico, com todos os procedimentos descritos por Barbosa:

Gráfico 1 – Panorama dos Procedimentos Técnicos de Tradução (PTT)



Fonte: Elaboração do autor, a partir da proposta de Barbosa (2007).

2.2. Metodologia

O mercado editorial brasileiro alimenta-se em grande parte de traduções do inglês para o português. Partindo-se dessa realidade, surgem manuais e trabalhos acadêmicos que se debruçam sobre a problemática do traduzir literário e dos procedimentos técnicos envolvidos nessa atividade intelectual.

A partir do instrumental teórico de Barbosa, Thaís da Silva Freitas (2021) elabora monografia em que analisa os procedimentos técnicos utilizados na tradução da obra “O Conto da Aia” (*The Handmaid’s Tale*), de Margaret Atwood. A autora colaciona trinta trechos daquela obra literária, identifica os procedimentos técnicos de acordo com a categorização de Barbosa e relaciona tais procedimentos com os conceitos de *domesticação* e *estrangeirização* de Lawrence Venuti. Ao final, conclui que o procedimento de maior frequência observada foi a transposição, seguida da equivalência, e que houve casos tanto de domesticação como de estrangeirização, sem comprometimento do produto tradutório.

Na mesma linha, Suely Costa Botelho (2018) compara as traduções, para o português brasileiro (de Simone Campos) e europeu (de João Leiria), de um capítulo específico da obra *The Girl on the Train*, escrito por Paula Hawkins. De acordo com a investigação conduzida pela autora, os procedimentos técnicos da tradução palavra por palavra e a tradução literal são predominantes nas escolhas dos tradutores, devido, talvez, à convergência linguística (2018, p. 33).

Em outro trabalho de conclusão de curso, Giovanna Rodrigues (2019) parte da formulação de Barbosa para analisar os procedimentos técnicos utilizados nas traduções dos diálogos do primeiro capítulo da obra *Murder on the Orient Express*, original de Agatha Christie. Após análise das traduções dos diálogos, verificou-se a ocorrência de nove procedimentos técnicos e uma ampla similaridade nas estratégias de tradução dos dois tradutores (Archibaldo Figueira e Petrucia Finkler), com prevalência da tradução literal, seguida da equivalência e do estrangeirismo, nesta ordem (2019, p. 37).

A partir da leitura dos trabalhos monográficos relacionados e com base na obra seminal de Barbosa (2007), constata-se que o tema é relevante na seara acadêmica e que ele merece ser novamente abordado.

Para realizar o presente estudo, partimos da versão original digitalizada em

fac-símile de *The Call of the Wild* publicado originalmente em 1903. Para a análise das traduções, foram selecionadas duas versões para a língua portuguesa com considerável distância temporal entre uma e outra: a de Monteiro Lobato data dos anos 1930 (usamos a 3ª edição, de 1985, da Companhia Editora Nacional) e a de Maria Carmelita Dias, da Editora Arqueiro, é de 2022.

Foram selecionados, então, 10 (dez) trechos do primeiro capítulo da obra de Jack London, os quais foram dispostos em forma de tabela para uma comparação da diversidade de procedimentos e técnicas adotados por cada um dos tradutores. Em virtude da diferença de estilos, da distinção editorial e da significativa distância cronológica entre uma e outra versão, presume-se que as estratégias tradutórias adotadas por cada tradutor possam ser significativamente diversas entre si.

3. OS PROCEDIMENTOS TÉCNICOS NAS TRADUÇÕES DE *THE CALL OF THE WILD*

3.1 O *corpus* de pesquisa

Neste trabalho, foram coletados 10 (dez) exemplos para análise, todos do primeiro capítulo da citada obra original, intitulado *Into the Primitive*. Este capítulo foi escolhido pelo fato de ser introdutório e por albergar um volume de trechos suficiente para a identificação de padrões tradutórios de cada tradutor.

Todos os trechos foram dispostos em uma tabela, sendo que, na primeira coluna, é indicado o número do exemplo. Na segunda coluna, foi colacionado o excerto do texto original (TO) em língua inglesa; na terceira, é disposta a tradução de Monteiro Lobato (T1); na quarta, os procedimentos técnicos utilizados na tradução lobatiana (PTT/T1); na quinta coluna, a tradução oferecida por Maria Carmelita Dias (T2) e, na última, os procedimentos técnicos envolvidos na segunda tradução (PTT/T2). Segue-se, assim, o modelo abaixo:

Exemplo X	TO	T1	PTT/T1	T2	PTT/T2

Os trechos organizados em tabela seguem a ordem de ocorrência do texto, tendo sido mapeados, conforme já se apontou, 10 trechos (cada um com seus pares traduzidos) presentes no primeiro capítulo da obra original *The Call of the Wild*.

3.2. Análise dos dados e identificação dos PTT

3.2.1. Exemplo 1

	TO	T1	PTT/T1	T2	PTT/T2
Exemplo 1	“Buck lived at a big house in the sun-kissed Santa Clara Valley. Judge Miller’s place, it was called.” (1903, p. 16)	Buck morava numa grande fazenda no Santa Clara Valley onde o sol brilhava no céu o ano inteiro – fazenda do juiz Miller. (1985, p. 7)	Tradução literal	Buck morava em uma grande casa no vale de Santa Clara, um lugar banhado pelo sol. Era a residência do Juiz Miller. (2022, p. 7)	Tradução Literal
			Transposição		Reconstrução de períodos
			Transferência com estrangeirismo		

Percebe-se, neste trecho, que ambas as traduções partiram de uma estratégia macroscópica guiada pela **tradução literal**, pois mantiveram uma fidelidade semântica geral, com adequações morfossintáticas pertinentes, embora a opção de Lobato seja mais livre ao verter *house* por “fazenda”, por exemplo.

Em T1 também se detecta uma **transposição**, já que a locução adverbial *in the sun-kissed Valley* é substituído, por questões estilísticas, pela oração subordinada adverbial locativa “onde o sol brilhava no céu o ano inteiro”. É uma tradução carregada de lirismo, que reflete a predileção literária do intérprete e sua tendência ao aformoseamento textual.¹

Lobato também mantém o **estrangeirismo** *Santa Clara Valley*, que aparece aclimadado em T2. A propósito da problemática questão tradutória envolvendo os topônimos, Rónai pontifica que:

¹ A transposição, como lembra Barbosa (2007, p. 73) não é um procedimento obrigatório, e muitas vezes pode ceder espaço à tradução literal. No exemplo citado, T1 e T2 poderiam simplesmente utilizar o adjetivo “ensolarado” ou “bronzeados” para verter o original “*sun-kissed*”.

Outra categoria aparentemente neutra e na verdade carregada de significados explosivos é a dos topônimos. Rio de Janeiro significa uma coisa para o carioca que nele vive e trabalha, outra para o paulista que aí vem passar as suas férias, outra para o europeu que condensa nesse nome o seu sonho exótico. Mesmo os logradouros de uma cidade – *Copacabana, Lapa, Wall Street, Avenue des Champs Elysées, Piccadilly Circus, Quartier Latin, Kurfürstendamm, Nevski Prospekt* – acabaram condensando, no decorrer dos tempos, um complexo de conotações que reclamaria dezenas de páginas para ser analisado. E quando há logradouros do mesmo nome em suas cidades a coisa piora, pois eles têm tão pouca coisa em comum como a Lapa do Rio e a de São Paulo” (2012, p. 62).

A par de preferências estilísticas e de uma suposta tendência estrangeirizante, pode-se elucubrar que Lobato, ao manter o estrangeirismo “*Santa Clara Valley*”, preferiu manter a distinção geográfica do sítio para evidenciar a identificação afetiva daquele topônimo norte-americano (que é único, especial, e se distingue de qualquer outro vale) para os que vivem naquela região ou para os que guardam memórias positivas dele. Já em T2, Dias prefere aclimatar o substantivo próprio “Valley” pelo substantivo comum “vale”, eliminando aquele aspecto distintivo e mantendo a tradução pelo seu correspondente usual em língua portuguesa.

3.2.2. Exemplo 2

	TO	T1	PTT/T1	T2	PTT/T2
Exemplo 2	“The house was approached by gravelled driveways which wound about through wide-spreading lawns and under the interlacing boughs of tall poplars.” (1903, p.16)	Caminhos apedregulhados iam até lá em coleios, através de pradarias pintalgadas de velhos choupos aqui e ali. (1985, p. 7)	Modulação	Chegava-se até lá por caminhos de cascalho serpenteando entre gramados espriados e sob as ramagens entrelaçadas de álamos altos. (2022, p. 8)	Modulação

Em ambas as traduções houve **modulação**, já que a ideia de que “a casa era acessada/chegada” (*the house was approached by*) foi reproduzida sob ponto de vista diverso na língua de chegada. Em T1, os “caminhos” é que “iam até lá” (à casa). Já em T2, Dias prefere utilizar uma opção mais impessoal, indeterminando o sujeito por meio da partícula “se” em “chegava-se”. Por se tratar de preferência estilística, a modulação é, neste caso, facultativa (Barbosa, 2007, p. 74).

Nota-se, mais uma vez, que a diferença estilística entre os tradutores se espalha para a seleção vocabular. Lobato (T1) utiliza termos atualmente considerados arcaicos (apredegulhados, coleios, pradarias pintalgadas de choupos), enquanto Dias (T2) prefere termos mais condizentes com a prosa contemporânea. Exemplo disso é a tradução que ambos conferiram ao vegetal *poplar*: o já desusado “choupo” (T1) dá lugar ao corrente “álamo” (T2).

3.2.3. Exemplo 3

	TO	T1	PTT/T1	T2	PTT/T2
Exemplo 3	“At the rear things were on a more spacious scale than at the front.” (1903, p. 16)	Nos traseiros da vivenda ficavam as benfeitorias. (1985, p. 7)	Omissão	Nos fundos, tudo era em escala ainda maior do que na frente. (2022, p. 8)	Tradução Literal

Houve **omissão** em T1, já que Lobato prefere suprimir os elementos textuais que descreviam a maior espacialidade da parte traseira do estabelecimento e, numa formulação genérica, imediatamente passa a anunciar as “benfeitorias”, que seriam enumeradas em seguida. Esse vocábulo também não encontra correspondente no TO.

Já Dias (T2) manteve a **literalidade** tradutória e preservou o sentido original do trecho, que faz alusão a “escala mais espaçosa” ou “maior” daquela área.

Cabe ressaltar que, ao verter “*at the rear*” por “nos traseiros”, Lobato destoa do padrão tradutório utilizado nos trechos selecionados até aqui e não faz uso de sua típica linguagem rebuscada e lírica. Talvez mais apropriada seja a opção de Dias (T2), que prefere a locução adverbial “nos fundos”, mais consentânea para a descrição da área posterior de um espaço ou local.

3.2.4. Exemplo 4

	TO	T1	PTT/T1	T2	PTT/T2
Exemplo 4	“On the other hand, there were the fox-terriers, a score of them at least.” (1903, p.17)	O resto constituía a <i>mob</i> * dos fox-terriers, uma dúzia pelo menos. (1985, p.8)	Transferência com aclimação	Por outro lado, havia os fox terriers, pelo menos uns vinte (2022, p. 8)	Transferência com aclimação
			Estrangeirismo com explicação em nota de rodapé		Tradução Literal
			Equivalência		

É possível falar em **transferência com aclimação** na tradução do termo “fox terrier”, já que não há outra palavra ou expressão em língua portuguesa que se refira a esta raça canina. Neste sentido, tanto Lobato (T1) como Dias (T2) usaram o anglicismo, de modo a adaptá-lo à fonologia e à estrutura morfológica do português, à guisa de um empréstimo linguístico. Em T1, essa adaptação é ainda mais evidente no uso do hífen entre os radicais.

Neste mesmo exemplo, Lobato é ainda mais ousado ao introduzir um elemento extratextual estrangeiro em sua tradução, com o uso do vocábulo “*mob*”, não presente no original. O revisor disponibiliza, então, uma nota de rodapé que informa o significado da palavra, nos seguintes termos:

* *Mob*: expressão inglesa que Lobato conservou em sua tradução, que quer dizer turba, populacho. Por analogia, significa o povo ou a numerosa raça dos fox-terriers. A ralé. (N.R.)

Assim, o próprio revisor ratifica o vezo estrangeirizante da tradução de Lobato, que poderia advir de duas origens não-excludentes entre si: para conferir uma certa “cor local” à linguagem de seu texto ou para reverenciar, ainda que implicitamente, a cultura e o modo de viver americanos, dos quais Lobato era entusiasta, conforme lembra PENTEADO (1997).

A questão tradutória do termo “score” é problemática. Em T1, Lobato o verte

como “dúzia” e, em T2, Dias prefere indicá-lo como “uns vinte”. O dicionário eletrônico *Merriam-Webster* define o vocábulo *score* com as seguintes acepções: “a) *twenty*; b) *a group of 20 things*; c) *an indefinitely large number*” (Score, 2023). Ou seja, o sentido literal do termo está mais próximo da opção tradutória de Dias (T2). Lobato (T1) poderia ter raciocinado de forma a induzir que uma dúzia seria uma quantidade mais próxima do entendimento habitual de seus leitores brasileiros. De fato, não há em língua portuguesa uma palavra que indique em termo único e coletivo a quantia de “duas dezenas” e que seja tão difundida e de fácil assimilação como “dúzia”. Neste sentido, por tentar aproximar à realidade dos brasileiros uma situação fática tipicamente americana, propugnamos a ocorrência da **equivalência** em T1, no presente exemplo.

3.2.5. Exemplo 5

	TO	T1	PTT/T1	T2	PTT/T2
Exemplo 5	“The Judge was at a meeting of the Raising Grower’s Association, and the boys were busy organizing an athletic club , on the memorable night of Manuel’s treachery.” (1903, p.19-20)	O juiz achava-se fora da casa, numa reunião da <i>Raising Grower’s Association</i> e os filhos ocupavam-se em organizar um clube atlético, quando ocorreu a memorável traição de Manuel. (1985, p.10)	Explicitação	Na memorável noite da traição de Manuel, o Juiz estava em uma reunião da Associação dos Viticultores e os meninos estavam ocupados organizando um clube de atletismo. (2022, p. 10)	Reconstrução de períodos
			Transferência com estrangeirismo		Decalque
			Omissão		

Em T1 encontramos inicialmente uma **explicitação**, já que o sintagma “achava-se fora de casa” não encontra correspondente no TO, embora sua noção esteja implícita. Lobato amplifica o significado original e reforça que o juiz “achava-se fora de casa”, deixando claro este fato ao leitor. Em T2, Dias traduz este trecho de forma mais **literal**.

Novamente encontramos outra ocorrência do procedimento **transferência**

com **estrangeirismo** em T1, quando Lobato repete o termo *Raising Grower's Association*, local para onde se havia dirigido o juiz. Ressalta-se que Lobato sempre respeita, nestes casos, a convenção segundo a qual o termo estrangeiro deve aparecer em itálico, entre aspas ou sublinhado (Barbosa, 2007, p. 79). Já em T2, o termo aparece traduzido mediante **decalque** (Associação de Viticultores), procedimento ao qual Newark (1988 *apud* Barbosa, 2007, p. 84) atribui categoria própria: decalque de tipos frasais ligados a nomes de instituições. Isto é, para evitar o estrangeirismo, T2 opta por traduzir o nome da associação, o que nos parece acertado, já que transmite a informação adicional de que o juiz Miller cultiva uvas.

Por fim, este trecho também conta com uma **omissão**, já que T1 omite o termo “noite” na tradução do segmento “*on the memorable night of Manuel's treachery*” e simplesmente o verte como “quando ocorreu a memorável traição de Manuel”. Lobato parece entender que o vocábulo descartado não é imprescindível para a compreensão do momento em que o evento traiçoeiro ocorre, e o adjetivo “memorável” é usado para qualificar a traição e não o período da noite, como no original. Dias, ao contrário, mantém o termo “noite”, mas **reconstrói o período**, de modo a inseri-lo no adjunto adverbial “na memorável noite da traição de Manuel” (T2). Entendemos que a manutenção do vocábulo é relevante, explicita que o evento funesto não ocorreu no período matutino ou vespertino e contribui para descrever o momento em tons mais sombrios.

3.3.6. Exemplo 6

	TO	T1	PTT/T1	T2	PTT/T2
Exemplo 6	“Concerning that night's ride, the man spoke most eloquently for himself, in a little shed back of a saloon on the San Francisco water front.” (1903, p. 22)	Na noite desse mesmo dia travava-se nos fundos dum <i>saloon</i> * de S. Francisco um diálogo manhoso. (1985, p. 11)	Transferência com estrangeirismo	Mais tarde, em um pequeno galpão atrás de um bar no porto em São Francisco, o homem falou com mais eloquência sobre a viagem daquela noite. (2022, p.12)	Tradução Literal
			Omissão		Reconstrução de períodos

Nestle trecho, ambos os tradutores escaparam da possibilidade de traduzir “*saloon*” pelo correspondente imediato “salão”, em português. Em T1, Lobato, corroborando seu apreço por traduções estrangeirizadoras, apresenta nova ocorrência de **transferência com estrangeirismo + nota de rodapé**: o termo “*saloon*” é copiado na mesma grafia do original². O próprio tradutor faz intervenção em nota de rodapé para explicar a palavra, nos seguintes termos:

**Misto de taverna e casa de jogo de danças, muito comum na América do Norte*
(N.T.)

Comentando este procedimento, Rónai salienta que:

Acontece, também, que duas línguas não pedem emprestadas a uma terceira as mesmas palavras e locuções. Neste caso haverá a opção entre manter o termo estrangeiro com a tradução entre parênteses ou uma nota de pé de página, ou simplesmente traduzi-la (2012, p. 103).

No caso em comento, Lobato preferiu preservar o termo “*saloon*” em sua formulação original, explicando ao pé de página seu significado, talvez por não conseguir encontrar outro termo em português que adaptasse a denominação daquele tipo de estabelecimento sócio-comercial ou porque almejou realizar uma intervenção didática. Em T2, Dias a verte simplesmente por “bar”, termo que, embora não recupere todo o sentido de um autêntico “*saloon* de faroeste”, é imediatamente assimilável por todos os falantes do português brasileiro.

Há **omissão** em T1 no trecho correspondente à tradução do segmento “*in a little shed*”, ignorado por Lobato mas preservado literalmente em T2 (em um pequeno galpão). Também há **omissão** em T1 na tradução do sintagma “*on the San Francisco water front*” (que merece de Lobato apenas a menção a “S. Francisco”), enquanto T2 mantém a **tradução literal** do segmento em “no porto em São Francisco”.

Em T2, encontramos também um bom exemplo do PTT **reconstrução de períodos**, pois os sintagmas correspondentes aos adjuntos adverbiais são deslocados no interior da oração.

² “Conceituado pela linguística, o *estrangeirismo* vem a ser um empréstimo vocabular não integrado à língua que o toma, conservando da outra os fonemas, a flexão e a grafia” (Barbosa, 2007, p. 79).

3.2.7.Exemplo 7

	TO	T1	PTT/T1	T2	PTT/T2
Exemplo 7	“A hundred,” was the reply. “Wouldn’t take a sou less, so help me.” (1903, p. 22)	— Cem, foi a intrépida resposta. Não o quis largar nem por cinco centavos menos, a bisca. (1985, p.12)	Equivalência	— Cem — foi a resposta. — E não aceitaria um níquel a menos, eu juro. (2022, p.12)	Tradução Literal
			Explicitação		Equivalência
			Modulação		

Infere-se a ocorrência do PTT **equivalência** em T1 na tradução do segmento “*wouldn’t take a sou less*”. O termo “*sou*” é entendido hodiernamente como uma alusão a quantia irrisória de dinheiro.³

Lobato também se vale de **explicitação/expansão** ao ampliar o texto original quando insere o adjetivo “intrépida” em referência ao substantivo “resposta”. Ao fazê-lo, Lobato introduz elemento novo ao texto, como forma de conferir maior clareza à ideia por ele expressa.

Em T1 há também **modulação** na tradução do segmento “*wouldn’t take*”. Assim ocorre porque Lobato altera a perspectiva original e a noção de “não aceitar (a proposta)” é convertida para a noção de “não largar (o animal)”. Há uma mudança de ponto de vista e de foco narrativo.

Em T2, nota-se, neste exemplo n.º 7, um esforço de **tradução literal** dos termos citados acima e um exemplo de **equivalência** da tradução de “*so help me*”. Esta expressão, que literalmente significa “então me ajude” é uma expressão idiomática cristalizada na língua inglesa e que é usada para indicar que algo que está sendo dito é verdadeiro.⁴ Neste sentido, em T2, Dias encontra outra expressão em língua portuguesa que seja funcionalmente equivalente à original.

3 Essa é a acepção do termo no dicionário on-line Cambridge: a very *small amount of money*: *I don't have a sou.*

4 Esta é a acepção informada pelo dicionário Cambridge: SO HELP ME – idiom – this is true: *So help me, they were having so much fun they didn't hear me come in.*”

3.2.8. Exemplo 8

	TO	T1	PTT/T1	T2	PTT/T2
Exemplo 8	"For two days and nights this express car was dragged along at the tail of shrieking locomotives." (1903, p. 25)	Durante dois dias e duas noites o carro expresso lá seguiu na piugada* de uma locomotiva matracolejante e veloz. (1985, p. 13)	Tradução literal	Durante dois dias e duas noites, o vagão foi levado por locomotivas barulhentas. (2022, p. 14)	Tradução literal
			Explicitação		Omissão

Novamente ambos partem de um contexto de tradução literal, com menção à diferença tradutória do termo "*express car*", vertido por "carro expresso" (T1) e vagão (T2). Para a tradução do sintagma "along the tail", Lobato prefere termo pouco comum, indicativo de sua grande erudição e que merece nota de rodapé do revisor, nos seguintes termos:

* Piugada: expressão usada por Lobato, somente arrolada em dicionários mais completos, que significa vestígio, rasto, encaço. (N.R.)

Em T1, haveria **explicitação** em relação ao termo "veloz", que não é usado para caracterizar as locomotivas em TO.

Já em T2, há simples **omissão** do sintagma e nenhuma referência à "cauda das locomotivas", possivelmente por ser considerado desnecessário pela tradutora. Menção também à opção pomposa de Lobato em verter "shrieking" pelo curioso "matracolejante", enquanto Dias prefere o simples adjetivo "barulhento" com as flexões próprias.

3.2.9. Exemplo 9

	TO	T1	PTT/T1	T2	PTT/T2
Exemplo 9	“Druther break cayuses any day, and twice on Sundays” (1903, p. 31)	— Druther quebra cayuses* todos os dias e o dobro nos domingos. (1985, p.16)	Tradução palavra-por-palavra	— Nossa, eu preferia domar um potro selvagem dia sim, outro também. (2022, p. 17)	Explicação
			Transferência de Estrangeirismo com explicação no rodapé		Equivalência

Há um pequeno segmento de **tradução palavra-por-palavra** em T1, quando Lobato mantém a mesma estrutura sintática e semântica do original. Barbosa ressalta o fato de que esse procedimento é de uso bastante restrito, já que é rara uma convergência tão grande entre línguas estrangeiras (2007, p. 71). Isso se justifica pela estranheza notada no trecho inicial de T1: ao verter “*break cayuses*” por “quebrar cayuses”, Lobato opta por manter a acepção semântica mais usual do verbo “*to break*” (quebrar), mas que talvez pudesse ser preterida por “domesticar” ou “amansar”.⁵ Isto é, os domadores não almejavam literalmente “quebrar os cães”, mas torná-los elementos servis e dóceis ao trabalho de puxar trenós no gelo. Essa acepção foi a escolhida em T2.

Nota-se também nova ocorrência de **transferência com estrangeirismo + nota de rodapé** em T1, em referência à raça de cavalos “*cauyse*”, cujo vocábulo foi preservado como no original e ainda explicado em nota no pé da página, pelo próprio Lobato:

*Raça de pôneis dos índios americanos. (N. T.)

⁵ Esse é o sentido mais aproximado do verbete no Dicionário Merriam-Webster: *BREAK - c : to make tractable or submissive, to train (an animal) to adjust to the service or convenience of humans. Ex: equipment used to break horses, a halter-broke horse*

Em T2, Dias realiza uma **explicação** para traduzir o termo referente à raça “cayuse”, vertendo-o diretamente por “potro selvagem”. Dessa forma, a tradutora prefere substituir o estrangeirismo por uma explicação do que ele significa, a fim de conferir maior agilidade à intelecção de seu significado, permitindo que o leitor compreenda imediatamente o que ele quer dizer, sem ter que recorrer a notas de rodapé ou dicionários.

Há também em T2 uma ocorrência de **equivalência** na tradução do segmento “*any day, and twice on Sundays*”, que é vertido em português como “dia sim, outro também”. Embora pudesse traduzi-lo de forma mais literal (como preferiu T1), Dias reproduz a mensagem original “qualquer dia, e duas vezes aos domingos” de forma mais sintética e mediante outra expressão funcionalmente equivalente àquela, mas que preserva a ideia ampla (a de que o domador amansa animais todos os dias, sem exceção).

3.2.10. Exemplo 10

	TO	T1	PTT/T1	T2	PTT/T2
Exemplo 10	“Sacredam!” he cried, when his eyes lit upon Buck. “Dat one dam bully dog! Eh? How moch?” (1903, p. 34)	— Diabo! exclamara quando seus olhos caíram sobre Buck. Este pedaço de cão está me cheirando bem. Quanto? (1985, p. 18)	Equivalência	— <i>Sacredame!</i> – gritou o tal sujeito ao colocar os olhos em Buck. — Esse cachorro é um touro, hein? Quanto é? (2022, p.19)	Estrangeirismo
			Melhoria		Melhoria

Registra-se **equivalência** em T1 quando Lobato verte a expressão “*Sacredam!*” por “Diabo!”. A novela se passa no Canadá, antiga colônia da França, e é óbvio que, nesta região, as línguas inglesa e francesa convivem até hoje. O

termo em itálico no próprio texto original é uma blasfêmia, à guisa de xingamento, expressa por um personagem franco-canadense (Perrault) em virtude da surpresa causada pelo cão.

O texto original alude à Virgem Maria (Sagrada Dama), mas Lobato opta em T1 por uma expressão funcionalmente equivalente, em termos culturais, que indicasse o espanto súbito provocado por Buck. Daí que “Diabo” passa a ser o sucedâneo equivalente de “Nossa Senhora”, numa curiosa “heresia tradutória”.

Dias opta em T2 por manter o **estrangeirismo** “Sacredame!”, com uma sutil melhoria ortográfica (acréscimo da vogal “e”, ausente no original), reverenciando o dialeto franco-canadense local.

Ambos os tradutores realizam **melhoria** na tradução da fala do personagem Perrault, que se expressa nos seguintes termos: “*Dat one dam bully dog! Eh? How moch?*” (TO)⁶. Assim, eles optam por eliminar os erros gramaticais dessa fala, indicativa de um emissor supostamente rústico e com baixa instrução educacional.

⁶ Nesse trecho, “*dat*” corresponde ao pronome demonstrativo “*that*” e a formulação “*how moch?*” ao interrogativo “*how much?*”, no inglês padrão.

4. CONCLUSÃO

O presente trabalho monográfico teve como escopo analisar duas traduções do inglês para o português do capítulo inicial do livro *The Call of the Wild*, de Jack London, no intuito de identificar os procedimentos técnicos de tradução acionados, de acordo com a formulação de Heloísa Barbosa acerca do tema (2007). Foram selecionados, para este mister, os trabalhos de Monteiro Lobato (1985) e de Maria Carmelita Dias (2022). Em seguida, foram destacados vinte excertos de texto (organizados em dez pares de exemplos) para análise da comparação.

Não se pretende aqui estabelecer qual dentre as duas traduções é a “melhor” ou “mais fiel” ao texto original. É certo que cada tradutor realiza atividade de grande complexidade intelectual que se desenvolve ao sabor de inúmeras variáveis, dentre as quais citamos a divergência linguística, a demanda e as exigências do mercado editorial, os gêneros textuais, os contextos histórico e social nos quais se inserem o autor e os tradutores, as diferentes percepções estilísticas, além de outras mencionadas no item 1.1.

Considerando que os procedimentos técnicos de tradução são, conforme vimos, estratégias que fornecem parâmetros de execução para conferir operacionalidade e funcionalidade a uma tradução, isto é, mecanismos que buscam responder ao “como traduzir” um texto de maneira adequada, pode-se falar em “padrão tradutório”.

Por “padrão tradutório” entende-se aqui o conjunto das características estilísticas mais recorrentes de cada tradutor em relação aos procedimentos tradutórios empregados, entendidos enquanto chaves para compreender as operações mentais acionadas no ato de tradução de um texto funcional.

Neste sentido, busca-se estabelecer balizas para a identificação dos diferentes padrões tradutórios entre T1 e T2 a partir dos procedimentos técnicos de tradução acionados em cada segmento. Inicialmente, constata-se que houve apenas um caso de coincidência procedimental em 3.2.2 (Exemplo 2), quando o mesmo PTT foi utilizado por ambos os tradutores (no caso, a modulação). Em outras quatro oportunidades, a coincidência procedimental foi parcial, isto é, foi utilizado apenas um PTT comum entre os demais para o segmento (Exemplos 1,

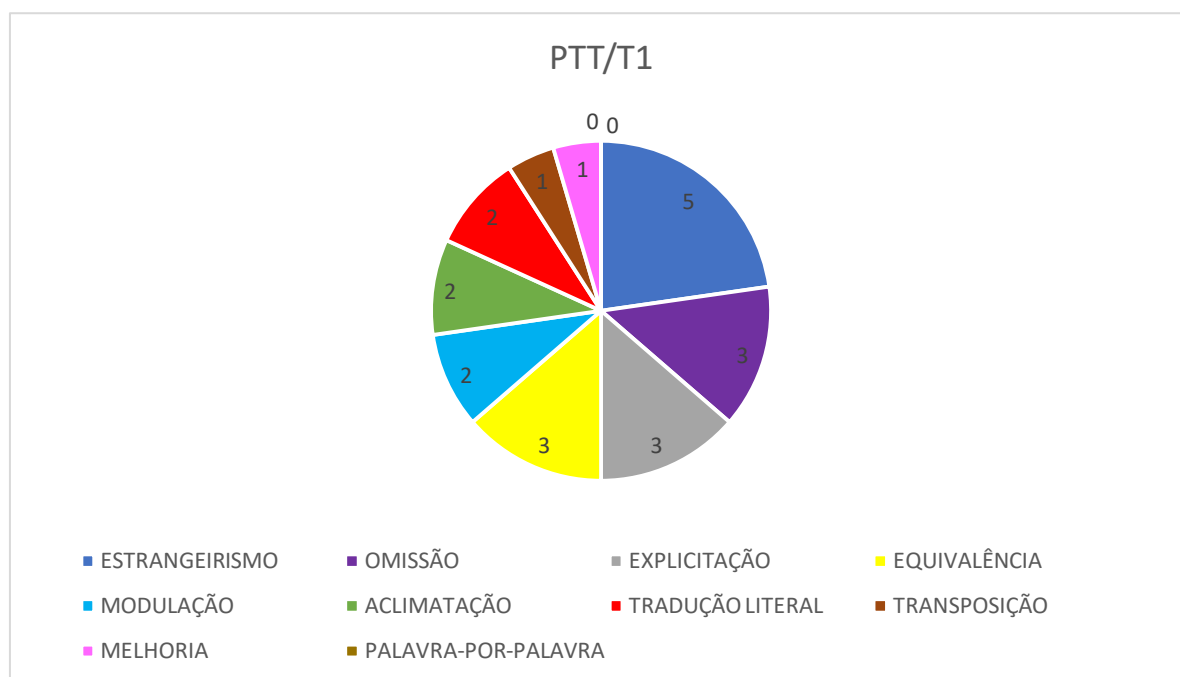
7, 8 e 10). E, em cinco exemplos, não houve nenhuma coincidência de procedimentos e os tradutores acionaram PTT totalmente diversos entre si (Exemplos 3, 4, 5, 6 e 9).

Ao final, constatou-se a seguinte distribuição dos PTT, de acordo com sua ocorrência em cada tradução, isoladamente considerada (T1 e T2):

Em T1, sobressai o PTT transferência com estrangeirismo em 5 ocorrências, seguido pela omissão, pela equivalência e pela explicitação (todas com 3 ocorrências). Com 2 ocorrências aparecem a modulação, a aclimatação e a tradução literal. E, com apenas uma ocorrência, surgem a transposição, a melhoria, a palavra-por-palavra e a acclimatação.

Disposta em gráfico, a distribuição dos procedimentos técnicos em T1 assume a seguinte configuração, de acordo com frequência detectada:

Gráfico 2 – Distribuição dos PTT em T1 de acordo com a ocorrência detectada



Fonte: Dados da pesquisa.

Nota-se em T1 uma preferência manifesta pelo estrangeirismo como principal procedimento técnico de tradução empregado. Isso se deve, possivelmente, ao fato de Lobato ter priorizado questões de realidade extralinguística, como os costumes e a geografia contextual dos personagens do

livro. Trata-se de uma novela que se passa no gélido Canadá em fins do século XIX. Nesse contexto, o tradutor preferiu preservar denominações de topônimos, raças caninas e expressões que estão muito atavicamente vinculados àquela região e época.

A constância de notas de rodapé, formuladas tanto pelo tradutor como pelo revisor em T1, indica também uma preocupação didática, isto é, elas visam auxiliar o leitor a compreender os estrangeirismos a fim de ampliar seu vocabulário em língua inglesa.⁷ O livro integra a coleção “Paratodos” e, pelo seu catálogo (que pode ser vislumbrado na contracapa da edição⁸), parecia querer alcançar um público mais amplo do que o infanto-juvenil, daí a preocupação em atender à demanda por erudição de seu pretendido público-alvo.

Fica evidente também a aparente aversão de Lobato à tradução literal, o que explica a baixa incidência desse PTT no presente trabalho (apenas 2 ocorrências). Isso, supõe-se, pode ser atribuído à própria concepção lobatiana acerca do ofício tradutório, como se depreende de considerações resgatadas em sua biografia:

Mas traduzir do inglês, do alemão, ou do russo, equivale de fato a quase absurdo. Fatalmente ocorre uma desnaturação. Se a tradução é literal, o sentido chega a desaparecer; a obra torna-se ininteligível e asnática, sem pé nem cabeça, o que não se dá quando o original é francês ou espanhol. A tradução tem de ser um transplante. O tradutor necessita compreender a fundo a obra e o autor, e reescrevê-la e português como quem ouve uma história e depois a conta com palavras suas. Ora, isto exige que o tradutor seja também escritor — e escritor decente (Cavalheiro, 1955, p. 536).

Para Lobato, o conteúdo parece importar mais que a forma. O tradutor, segundo ele, deveria expressar a mesma ideia do autor por meio de um estilo

⁷ O didatismo de Lobato é evocado em trabalho monográfico de Sabrina Martinez, que, citando Milton e Euzébio, salienta que “a obra de Lobato é explicitamente didática” (2004, p. 88), e tanto o Lobato autor quanto o tradutor — e também o editor — tinham a mesma mentalidade, tendo chegado inclusive a recomendar que o tradutor Godofredo Rangel tomasse as liberdades de melhorar o original quando necessário. Dessa forma, a estratégia tradutória de Lobato é a de adaptar, empregando uma linguagem simplificada e mais coloquial, de modo a permitir um entendimento imediato por parte d[e] [...] seu público-alvo” (Martinez, 2007, p. 8).

⁸ Além de “O Grito da Selva”, a coleção Paratodos também publicou “Caninos Brancos”, “A Filha da Neve”, “O Lobo do Mar” e “A Aventureira”, todos de Jack London; “As Quatro Pernas” de A. E. W. Mason; “O Sinal da Cruz”, de W. Barret; “O Médico e o Monstro” e “O Clube dos Suicidas”, de Robert Stevenson; “Scaramouche” e “O Capitão Blood”, de Rafael Sabatini, dentre outros títulos.

literário próprio na língua de chegada. O intérprete deveria evitar a tradução mecânica, “ao pé da letra” e produzir um texto claro e prazeroso ao leitor que resgate o pensamento do autor sem desconsiderar o estilo próprio do tradutor.⁹

Isso justifica também a considerável incidência de PTT relacionados à divergência de estilos, como é o caso da omissão vs explicitação e da equivalência (todas com 3 ocorrências). O tradutor não teria pudores de omitir o que considerava excesso, limando aquilo que julgava não interessar ao público brasileiro. É certo que o estilo peculiar de Lobato se plasma vividamente em suas traduções e nos trechos selecionados: pode-se constatar a utilização de estruturas sintáticas mais complexas, abundância de omissões e explicitações, além do uso de adjetivação mais elaborada e rebuscada.

A tradução confiada a Lobato oportuniza uma outra sorte de reflexão: a outorga da tarefa tradutória a nomes consagrados da literatura ou a tradutores-editores. Esse tópico já foi objeto de ponderações da crítica especializada, como a de Agenor Soares de Moura, no seu livro de crônicas tradutórias *À Margem das Traduções – Análises Críticas de Traduções de Nomes Consagrados*:

Não se nos estranhe o fato de trazermos frequentemente à balha o nome de Monteiro Lobato. Se o seu nome ilustre aparece aqui muitas vezes é por ser dos mais ativos tradutores. E tem razão o elegante escritor mineiro, sr. Eduardo Frieiro: ‘Muitas traduções são confiadas por editores incautos a escritores de nome feito nas letras. Tais traduções costumam ser as piores. Porque para ser tradutor não basta ser bom poeta ou bom romancista’. (...) A esse propósito traz o nosso leitor, sr. A.P.R, a anedota ou pilhéria – pois como tal a tomamos – atribuída a Monteiro Lobato e Agripino Grieco, segundo a qual Monteiro perguntara a Grieco: ‘Já leste a minha última tradução?’. Ao que o ironista ferino replicou: ‘E tu, já a leste?’” (2003, p. 32).

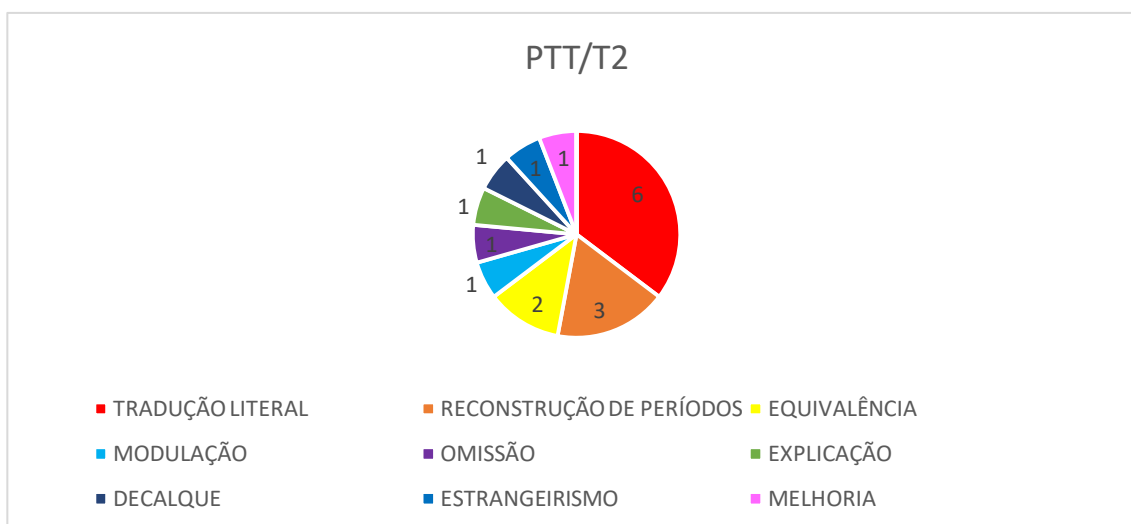
É certo que nem todo bom escritor é necessariamente um bom tradutor. Lobato, além de ser um prolífico tradutor (são contabilizadas 77 traduções em seu acervo), também era o fundador da Editora Companhia Nacional. Nesse aspecto, como editor-tradutor, ele tinha outras questões a considerar: prazos de entrega, montante de vendas, preços dos livros, número de páginas, data de lançamentos

⁹ “Vai traduzindo...em linguagem bem simples, sempre na ordem direta e com toda a liberdade. Não te amarras ao original em matéria de forma – só em matéria de fundo” (Lobato, 1956, p. 232).

de filmes baseados na obra. A edição original de *The Call of the Wild* tem 231 páginas, enquanto que a versão editada por Lobato tem apenas 141 (3ª edição, de 1985), o que sugere um encurtamento proposital da obra para o formato padronizado da coleção.

Em T2, o PTT que mais aparece é a tradução literal (6 ocorrências), seguida da reconstrução de períodos (3 ocorrências). Em dois momentos, surge a equivalência e os demais PTT aparecem em apenas uma oportunidade cada um, quais sejam, modulação, omissão, explicação, decalque, melhoria e estrangeirismo. A distribuição gráfica de PTT/T2 assume a seguinte configuração:

Gráfico 3 – Distribuição dos PTT em T2 de acordo com a ocorrência detectada



Fonte: Dados da pesquisa.

A alta incidência de tradução literal e reconstrução de períodos indica que Dias buscou manter em T2 a fidelidade semântica de forma estrita, com pequenas adequações morfossintáticas do texto de partida às normas gramaticais da língua de chegada, evitando assim um maior distanciamento do conteúdo original.

Tal constatação permite acessar aquilo que seria a estratégia tradutória de Dias, guiada pela recomendação de Newmark, para quem a tradução literal seria o procedimento recomendável sempre que ele fosse possível (*apud* Barbosa, 2007, p. 72). Isto é, a tradutora parte de uma tentativa inicial de utilizar a tradução literal, realizando os ajustes morfossintáticos necessários à manutenção da fidelidade

semântica estrita. Apenas quando isso não é adequado ou possível, a tradutora aciona outros procedimentos.

O ofício de Dias parece se submeter, assim, ao “teste de impossibilidade” proposto por Vinay e Darbelnet, para quem a tradução literal apenas não seria possível se o texto de chegada se enquadrasse em um produto textual com ao menos uma das seguintes características: a) ter significado diverso do original, b) não ter significado, c) ser estruturalmente impossível, d) não ter correspondência no contexto cultural da língua de chegada, e) ter correspondência, mas não no mesmo registro (*apud* Barbosa, 2007, p. 25).

Exemplo flagrante disso ocorre em 3.2.9: enquanto Lobato traduz “*to break cayuses*” de forma literal, usando a expressão “quebrar cayuses”, Dias considera os vocábulos equivocados. Em relação a “quebrar”, o termo tem significado diverso do original (que remete às noções de domar, amansar, domesticar, amestrar). Já “cayuses” não tem significado ou não guarda correspondência no contexto cultural da língua portuguesa no Brasil, razão pela qual Dias opta por explicar o significado do termo (potro selvagem) no próprio corpo do texto, enquanto Lobato o traduz literalmente e complementa com nota de rodapé.

Além disso, em relação ao estilo da linguagem, T2 se vale de um vocabulário mais coloquial, com uso de termos mais próximos do cotidiano atual, sem os arcaísmos próprios de traduções mais longevas. Saliente-se que a escolha da tradução de Maria Carmelita Dias se deu notadamente por ser a dela a tradução mais recente encontrada (2022). Por óbvio, a tradutora (que também tem experiência acadêmica na área) é versada nas teorias de tradução disponíveis sobre o presente tema e pode se valer dos conceitos acerca dos PTT para aprimorar o seu trabalho.

Num esforço de resumir todo o exposto, propomos o seguinte quadro, no qual são dispostos em contraste os padrões tradutórios relacionados às traduções analisadas:

Quadro 2 – Diferenças detectadas entre os padrões tradutórios de T1 e T2

PADRÕES TRADUTÓRIOS	
T1 – MONTEIRO LOBATO	T2 – CARMELITA DIAS
PREVALÊNCIA DE ESTRANGEIRISMOS – “COR LOCAL”, TERMOS INTRADUZÍVEIS	TENDÊNCIA DE EXPLICAR ESTRANGEIRISMOS
“AVERSÃO” À TRADUÇÃO LITERAL	PREVALÊNCIA DE TRADUÇÃO LITERAL
ABUNDÂNCIA DE OMISSÕES E EXPLICAÇÕES (6 ocorrências)	PRESERVAÇÃO DA INTEGRIDADE DO TEXTO (1 omissão)
LINGUAGEM REBUSCADA E ARCAICA	LINGUAGEM COLOQUIAL E CONTEMPORÂNEA
DIDATISMO – NOTAS DE RODAPÉ	AUSÊNCIA DE NOTAS DE RODAPÉ
TRADUTOR-AUTOR-EDITOR	TRADUTORA

Fonte: Elaboração do autor, a partir dos dados coletados.

Considerando o que foi apresentado, acredita-se que este estudo tenha o potencial de ser uma fonte de contribuição para investigações futuras no âmbito dos Estudos Descritivos da Tradução. O enfoque seria direcionado para análises voltadas à identificação de padrões de tradução, especialmente no que concerne ao ofício tradutório com base nos procedimentos técnicos de tradução.

REFERÊNCIAS

- ARROJO, Rosemary. **Oficina de Tradução: a teoria na prática**. São Paulo: Ática, 2007.
- BARBOSA, Heloísa Gonçalves. **Procedimentos Técnicos da Tradução: uma nova proposta**. 3. ed. Campinas: Pontes, 2007
- BARROSO, Ivo (Org.). Nota do organizador. In: MOURA, Agenor Soares de. **À Margem das Traduções**. São Paulo: Arx, 2003.
- BOTELHO, Suely Costa. **Comparando as traduções para o português brasileiro e europeu do best-seller *The girl on the train*, à luz das teorias de Barbosa e Berman**. 2018. 47 f. Trabalho de conclusão de Curso (Graduação em Tradução) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.
- BREAK. **Merriam-Webster Dictionary**. 2023. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/break#:~:text=%3A%20to%20stop%20or%20bring%20to%20an%20end%20suddenly%20%3A%20halt> Acesso em: 23 out. 2023.
- BRITTO, Paulo Henriques. **A Tradução Literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato: vida e obra**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.
- FREITAS, Thais Silva. **Procedimentos Técnicos da Tradução em *O Conto da Aia***. 2021. 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Tradução) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021.
- LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1956.
- LONDON, Jack. **The Call of the Wild**. Nova York: Macmillan, 1903.
- _____. **O Grito da Selva**. Tradução de Monteiro Lobato. 3ª Ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1985.
- _____. **O Chamado Selvagem**. Tradução de Maria Carmelita Dias. São Paulo: Arqueiro, 2022.
- MARTINEZ, Sabrina Lopes. Monteiro Lobato: tradutor ou adaptador? **Tradução em Revista**, v. 4, Rio de Janeiro, PUC-Rio, 2007.
- MENDES, Denise Rezende. **Monteiro Lobato, o Tradutor**. 2002. 62 f. Monografia (Especialização) – Curso de Letras, Departamento de Letras Estrangeiras Modernas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2002.
- NEWMARK, P. **A Text of Translation**. London: Prentice Hall, 1988.

PENTEADO, J. R. W. **Os filhos de Lobato: o imaginário infantil na ideologia do adulto**. Rio de Janeiro: Qualitymark, Dunya Ed., 1997.

RODRIGUES, Giovanna Stéfane de Oliveira. **Procedimentos Técnicos da Tradução**: um cotejo dos diálogos em *Murder on the Orient Express* (Assassinato no Expresso Oriente), de Agatha Christie. 2019. 44 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Tradução) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

RÓNAI, Paulo. **A Tradução Viva**. 4.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

_____. **Escola de Tradutores**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

SCORE. **Merriam-Webster Dictionary**. 2023. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/score>.> Acesso em 01/11/2023

SO HELP ME **Cambridge Dictionary**. 2023. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/so-help-me>. Acesso em: 23 out. 2023.

VINAY, Jean Paul.; DARBELNET, Jean-Louis. **Stylistique Comparée du Français et de l'Anglais**. Paris: Didier, 1958.

WILLIAMS, J; CHESTERMAN, A. Areas in translation research. In: WILLIAMS, J.; CHESTERMAN, A. The Map: **A Beginner's Guide to Doing Research in Translation Studies**. Cornwall: St. Jerome Publishing, 2002.